



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
DISCIPLINA: TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO
PROF. SILVIO ANTONIO FERRAZ CARIO
PROF. ANDRÉ LEITE**

E-mails: fecario@yahoo.com.br Fone: 48-991016618
andre.leite@ufsc.br Fone: 48-999118886

I. OBJETIVO:

Discutir as concepções teóricas, analíticas e históricas sobre o desenvolvimento econômico, no intuito de contribuir para melhor entendimento das realidades econômica, política e social.

II. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: VISÃO GLOBAL E ASPECTOS HISTÓRICOS

1.1 Dimensões do conceito de desenvolvimento e características históricas pontuais

BRESSER-PEREIRA, L. C. Globalização e catching up, globalização e competição – por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não, p. 19-50, 2009.

CARNEIRO, R. O desenvolvimento revisado. São Paulo em perspectiva, v. 20, n. 3, p. 73-82, jul/set, 2006.

CHANG, H-J. Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p-11-121.

FIORI, J. L. Introdução: de volta à questão da riqueza de algumas nações. In: FIORI, J. L. (org.) Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis, 1999, 11-48.

PIKETTY, T. A economia da desigualdade. RJ: Intrínseca, 2015.

2. TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: MATRIZ E EVOLUÇÃO

2.1 Bases do liberalismo em Smith e o pensamento neoliberal de Hayek

CERQUEIRA, H. E. A. G. Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês. Economia e Sociedade, Campinas, v. 15, n. 1 (26), p. 1-28, jan/jun. 2006.

GANEM, A. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica. Revista de Economia contemporânea: Rio de Janeiro, vol. 4(2): 9-36, jul/dez, 2000.

GANEM, A. O mercado como ordem social em Adam Smith, Walras e Hayek. *Economia e Sociedade*: Campinas, v. 21, n. 1(44), pp. 143-164, abr., 2012.

HUNT, E. K. Adam Smith. In: *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 5ª ed., pp. 37-59, 1977.

PAULANI, L. M. Hayek e o individualismo no discurso econômico. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política*: São Paulo, n. 38, 97 – 124, 1996.

PAULANI, L. M. Neoliberalismo e individualismo. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 13, p. 115-127, dez. 1999.

MATTOS, L. V. As razões do laissez- faire; uma análise do ataque ao mercantilismo e da defesa da liberdade econômica da riqueza das nações. *Revista de Economia Política*, vol. 27, n.1, pp 108-129, jan-mar, 2007.

MAZZUCHELLI, F. O pioneirismo de Smith. *Economia e Sociedade*, v. 11, n. 1 (18), p. 185-192, jan/fev, 2002.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. SP: Companhia das Letras, 2000.

GLASENAPP, S; MARIN, S. R. (orgs.) *Ensaio sobre o pensamento de Amartya K. Sen*. Santa Maria: UFSM, 2018.

2.2 Desenvolvimento capitalista e suas contradições em Marx

BONENTE, B; MEDEIROS, J. Desenvolvimento como ausência de liberdade: Marx contra Sen. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. Rio de Janeiro, n. 45, out.- dez. 2016.

HARVEY, D. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, caps. 10, 12 e 13. 2013.

HUNT, E. K. *História do pensamento econômico (Karl Marx)*. RJ: Elsevier, 1985b.

MARX, K. *O capital*. Série *Os Economistas*, SP: Abril Cultural, volumes 1 e 2, 1985

RIBEIRO JR, J. A. S. Para entender os limites do capital. *Geografia em Questão*, v. 09, n. 01, p. 123-126, 2016.

TEIXEIRA, F. Os limites do capital, de David Harvey: para a reconstrução da teoria marxiana das crises. *Crítica Marxista*, n. 39, p. 163-172, 2014.

2.3 Inovação e desenvolvimento em Schumpeter e os neo-schumpeterianos

DATHEN, R. Teoria neoschumpeteriana e desenvolvimento econômico. In: DATHEN, R. (orgs.) *Desenvolvimentismo – os conceitos, as bases teóricas e as políticas*. Porto Alegre: UFRGS, p. 193- 222, 2015.

DOSI, G. Fontes, procedimentos e efeitos microeconômicos da inovação. *Journal of Economic Literature*, vol. XXVI, n. 3, 1988.

LAPLANE, M. Joseph A. Schumpeter: inovações e dinâmica capitalista. CARNEIRO, Ricardo. *Os clássicos da economia*. São Paulo: Ática, v. 2, 1997.

POSSAS, M. L. Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neoschumpeteriana. In: AMADEO, E.J. (org.). *Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SCHUMPETER, J. A. A teoria do desenvolvimento econômico. Série Os Economistas, São Paulo: Abril Cultural, 1982

SCHUMPETER, J. A. Capitalismo, socialismo e democracia. SP: UNESP, 2017.

2.4 Investimento, moeda e instabilidade no capitalismo: Keynes e os pós-keynesianos

BAHRY, T. R.; GABRIEL, L. F. A hipótese de instabilidade financeira e suas implicações para ocorrência de ciclos econômicos. Revista Economia contemporânea, v. 14, n. 1, p. 27-60, 2010.

BELLUZZO, L. G. M; ALMEIDA, J. S. G. Enriquecimento e produção: keynes e a dupla natureza do capitalismo. In: LIMA, G. T.; SICSÚ, J.; PAULA, L. F. Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea. Rio de Janeiro: Campus, p. 258-83, 1999.

CARVALHO, F. C. Fundamentos da escola pós-keynesiana: a teoria de uma economia monetária. In: AMADEO, Edward J. Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico. São Paulo: Marco Zero, 1989.

CARVALHO, F. C. Políticas econômicas para economias monetárias. In: LIMA, Gilberto Tadeu; SICSÚ, J.; PAULA, L. F. Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea. Rio de Janeiro: Campus, p. 258-83, 1999.

FEIJÓ, C. A. Decisões empresariais em uma economia monetária de produção. In: LIMA, G. T.; SICSÚ, J.; PAULA, L. F. Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea. Rio de Janeiro: Campus, p. 258-83, 1999.

FERRARI FILHO, F. As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes. Revista de Economia Contemporânea. v. 10, n. 2, p. 213-236, 2006.

FERRARI FILHO, F.; TERRA, F. H. B. As disfunções do capitalismo na visão de Keynes e suas proposições reformistas. Revista de Economia Contemporânea, v. 15, n. 2, p. 271-295, 2011.

LOURENÇO, A. L. C. de. O pensamento de Hyman P. Minsky: alterações de percurso e atualidade. Economia e Sociedade: Campinas, v. 15, n. 3, p. 445-474, dez. 2006.

3. O SUBDESENVOLVIMENTO: DEPENDÊNCIA E PERIFERIA

3.1 Subdesenvolvimento e as formas de dependência

ALMEIDA, J. E. Subdesenvolvimento e dependência: uma análise comparada de Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre, 2009. 204f.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Dependência e subdesenvolvimento na América Latina. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, cap. VI, 1970.

CARDOSO, F. H. As ideias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento. Petrópolis RJ: Vozes, 1993.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina. In: BIELCHOWSKY, R. (org.). Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 2000, p 497-519.

MARINI, R M. Dialética da dependência. Post-scriptum traduzido por Carlos Eduardo Martins, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Editora Era, México, 1990, 10a edição (1a edição, 1973).

MOREIRA, A. G. M. A criatividade na busca pela superação do subdesenvolvimento: Celso Furtado, cultura e desenvolvimento endógeno. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico – Programa de Pós Graduação em Economia, Florianópolis, 2015.

PRADO, F. C. História de um não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. II Curso sobre conjuntura latino-americano, Imperialismo, e a conjuntura político-econômica de nosso continente. Seminário - Teoria marxista da dependência no Brasil: de Ruy Mauro Marini aos dias de hoje, nov. 2010.

RODRIGUES, G. O. A Teoria marxista da dependência em Ruy Mauro Marini: superexploração da força de trabalho e subimperialismo na integração capitalista mundial da América Latina. Sociedade Brasileira de Economia Política. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2015.

3.2 Economia política do sistema mundo

ARIENTI, W. L.; FILOMENO, F. A. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. In Ensaio FEE, Porto Alegre, v.28, n.1, p.99-126, jul. 2007.

ARRIGHI, G. A ilusão do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSTA, J. D. Um debate teórico entre a economia política dos sistemas-mundo e a nova economia política do sistema mundial. Texto apresentado no I Colóquio Brasileiro de Economia Política dos Sistemas Mundo, 2007. Disponível em: http://www.gpepsm.ufsc.br/index_arquivos/2.pdf.

LIMA, P. G C. Posicionamento no sistema mundial e semiperiferia. Textos de Economia, Florianópolis, v. 10, n.2, p.58-85, jul/dez 2007.

PEREIRA, V. V. Capitalismo e crise: uma crítica marxista à teoria do sistema-mundo. XVII ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, Rio de Janeiro, jun. 2012.

VIEIRA, P. A. A inserção do “Brasil” nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550- c.1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar. Economia e Sociedade, Campinas, v. 19, n. 3 (40), p. 499-527, dez. 2010.

VIEIRA, P. A.; PRADO, F. C. Uma crítica à perspectiva da economia nacional a partir da noção de economia-mundo. Texto para Discussão nº 03, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

4. CEPAL E O DESENVOLVIMENTO ECONOMICO NA AMÉRICA LATINA

4.1 Pensamento e evolução da visão cepalina de desenvolvimento

BIELCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha. In: BIELCHOWSKY, R. (org.). Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 1988, v. 2 p. 15-68.

FONSECA, P. C. D. As origens e as vertente formadoras do pensamento cepalino. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro, jul/set.2000.

PAIVA, S. C. Estratégias de política industrial e desenvolvimento econômico: ideias de Fernando Fanjzylber para a América Latina. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

OLIVOS, M. T. Fernando Fanjzylber: uma visão renovadora del desarrollo em América Latina. Santiago – Chile: Cepal, 2006, p. 337-400.

RODRIGUES, O. O estruturalismo latino-americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 587-622.

5. ESTADO E DESENVOLVIMENTO

5.1 Estado, instituições e mudanças estruturais

ARIENTI, W. L. Do estado keynesiano ao estado schumpeteriano. Revista de Economia Política, vol. 23, nº 4 (92), outubro-dezembro/2003. BOYER, R. Estado, mercado e desenvolvimento: uma nova síntese para o século XXI? Revista Economia e Sociedade. Campinas: pgs. 1 – 20, jun. 1999.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A reforma do estado dos anos 90: lógica e mecanismos de controle. Brasília: Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado, 58 p. (Cadernos MARE da reforma do estado; v. 1), 1997.

CHANG, H-J. The economic theory of the development state. In: WOO-CUMUNGS, M. (1999). The developmental state. New York: Cornell University Press. 1999.

CHANG, H-J. (2000a, forthcoming). An Institutional Perspective on the Role of the State – Towards an Institutional Political Economy. In.: L. Burlamaqui, A. Castro and H-J. Chang (eds.), Institutions and the Role of the State. Aldershot: Edward Elgar, 2000.

DIAS, T. Uma experiência de governança pública: a relação entre Estado e sociedade desenvolvida no governo do Estado de Santa Catarina a partir da implantação das Secretarias de Desenvolvimento Regional. Tese: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2012.

EVANS, P. El estado como problema y como solucion. Desarrollo Económico: Revista de Ciencias Sociales, vol. 35, n. 140, enero-marzo, 1996.

IGLESIAS, E. V. O papel do estado e os paradigmas econômicos. Revista CEPAL. p. 45 – 53. Ano: 2010.

6. INSTITUIÇÕES E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

6.1 Mudanças institucionais, aprendizagem e enraizamento social

AREND, M. CARIO, S. Desenvolvimento e desequilíbrio industrial no Rio Grande do Sul: uma análise secular evolucionária. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 2 (39), p. 381-420, ago. 2010.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Instituições, crescimento e mudança na ótica institucionalista. Secretaria da Coordenação e Planejamento (Fundação de Economia e Estatística), Porto Alegre, março de 2002.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Além da transação: uma comparação do pensamento dos institucionalistas com os evolucionários e pós keynesianos. *Revista Economia*, Brasília, ANPEC, v.7, n.3, p.621–642, set/dez 2007.

CONCEIÇÃO, O. A. C. A dimensão institucional do processo de crescimento econômico: inovações e mudanças institucionais, rotina e tecnologia social. *Revista Economia e Sociedade*. Campinas, v. 17, n. 1, pg. 85 – 105, abr. 2008.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Há compatibilidade entre a “tecnologia social” de Nelson e a “causalidade vebleniana” de Hodgson? *Revista de Economia Política*, v. 32, n. 1, p. 109-127, 2012.

CONCEIÇÃO, O. A. C. A relação entre instituições e crescimento econômico: uma análise heterodoxa e evolucionária. In: DATHEN, R. (orgs.) *Desenvolvimentismo – o conceito, as bases teóricas e as políticas*. Porto Alegre: UFRGS, p. 157-192.

HOGSON, G. M. The evolution of institutions: an agenda for future theoretical. *Research. Constitutional Political Economy*, 13, 111– 127, 2002.

NORTH, D. Instituições, mudança institucional e desempenho econômico. São Paulo: Três Estrelas, 2018, p. 13-125.

ZYSMAN, J. How institutions create historically rooted trajectories of growth. *Industrial and Corporate Change*, v. 3, n. 1, p. 243-283, 1994.

7. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ORGANIZAÇÃO E GOVERNANÇA PRODUTIVA MUNDIAL

7.1 Cadeias globais de valor e governança das relações

FOREIGN AFFAIRS AND INTERNATIONAL TRADE CANADA. Linking into Global Value Chains: a guide for small and medium-sized enterprises. The Canadian Trade Commissioner Service, 2010. Disponível em <<http://tradecommissioner.gc.ca/gvc-cvm/assets/pdfs/gvc-eng.pdf>>.

FREDERICK, S.; GEREFFI, G. Upgrading and Restructuring in the Global Apparel Value Chain: Why China and Asia are Outperforming Mexico and Central America. *International Journal of Technological Learning, Innovation and Development*, 4, p. 67 – 95, 2011.

GEREFFI, G. Global production systems and third world development. In STALLINGS, B. (ed.). Global change, regional response: the new international context of development. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 100-142, 1995.

GEREFFI, G. A commodity chains framework for analyzing global industries. Durham: Duke University, Aug, 1999a.

GEREFFI, G. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. *Journal of International Economics*, vol. 48 no. 1, p. 37-70, June, 1999b.

GEREFFI, G. et al. Introduction: Globalisation, value chains and development. *IDS Bulletin*, vol. 32 no. 3, p.1-8, 2001.

GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. Commodity chains and global capitalism. Westport: Praeger, 1994.

GEREFFI, G.; FREDERICK, S. The global apparel value chain, trade and the crisis: challenges and opportunities for developing countries. The World Bank, 2010.

GEREFFI, G.; FERNANDEZ-STARK, K. Global value chain analysis: A Primer. Center on Globalization, Governance and Competitiveness, 2011.

8. SISTEMAS DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

8.1 Características e funções de um sistema de inovação para o desenvolvimento de um país

EDQUIST, C. Systems of innovation – perspectives and challenges. In: FAGERBERG, J.; MOWERY, D.; NELSON, R. R. *The Oxford handbook of innovation*. Oxford: Oxford University Press, p. 181-208, 2006.

KRETZER, J. Sistemas de inovação: as contribuições das abordagens nacionais e regionais ou locais. *Ensaio FEE, Porto Alegre*, v. 30, n. 2, p. 863-892, dez. 2009.

LEMONS, D. C. A interação universidade-empresa para o desenvolvimento inovativo sob a perspectiva institucionalista-evolucionária: uma análise a partir do sistema de ensino superior em Santa Catarina. 2013. 416 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

LUNDEVALL, B. National innovation systems – analytical concept and development tool. DRUID Conference. Copenhagen, Jun. 2005.

NELSON, R. NELSON, K. Technology, institutions, and innovation systems. *Research Policy*, 31, p. 265-272, 2002. NIOSI, J. National systems of innovations are “x-efficient” (and x-effective): Why some are slow learners. *Research Policy*, 31, p. 291-302, 2002.

PEREIRA, J. A; DATHEIN, R. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: a co-evolução das tecnologias físicas e sociais como fonte de desenvolvimento econômico. *Revista Brasileira de Inovação*; Campinas, SP, vol 11, jan. jun. de 2012.

PIETROBELLI, C.; RABELLOTTI, R. Global value chains meet innovation systems: are there learning opportunities for developing countries?. *World development*, v. 39, n. 7, p. 1261-1269, 2011.

9. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO: PROJETO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO

9.1 Social desenvolvimentismo, novo desenvolvimentismo e liberal desenvolvimentismo

BASTOS, P. P. Z. A economia política do novo-desenvolvimentismo e do social desenvolvimentismo. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 779-810, dez. 2012.

BACHA, E.; BOLLE (orgs.) O futuro da indústria no Brasil – desindustrialização em debate. RJ: Civilização Brasileira, 2013.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Estratégia Nacional de Desenvolvimento. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 26, p. 203-230, 2006.

BRESSER-PEREIRA, L. C.; THEUER, D. Um Estado novo-desenvolvimentista na América Latina? *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 811-829, dez. 2012.

CARNEIRO, R. M. Velhos e novos desenvolvimentismos. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 749-778, dez. 2012.

CARNEIRO, R. Navegando a contravento: Uma reflexão sobre o experimento desenvolvimentista do governo Dilma Rousseff. In: CARNEIRO, Ricargo; BALTAR, Paulo; SARTI, Fernando (org.). Para além da política econômica. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

FONSECA, P. C. D.; AREND, M.; GUERRERO, G. A. Política Econômica, Instituições e classes sociais: os governos do Partido dos Trabalhadores no Brasil. Disponível em: <http://professor.ufrgs.br/pedrofonseca/publications/pol%C3%ADticaecon%C3%B4mica-institui%C3%A7%C3%B5es-e-classes-sociais-os-governos-dopartido-d>, 2018.

MOREIRA, A. G.; AREND, M. Que estratégia de desenvolvimento seguir? O debate desenvolvimentista brasileiro no século XXI. In: XIX Encontro Nacional de Economia Política (SEP), 2014, Florianópolis. Anais do XIX Encontro Nacional de Economia Política, 2014.

III. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E TAREFAS:

No curso do horário de aula ocorrem, na sequência, as seguintes etapas: debate sobre o conteúdo dos textos, exposição síntese do conteúdo pelos professores e, oportunamente determinado, seminário de um texto.

O relatório de leitura deve ser entregue no início da aula e conter no máximo 5 páginas, devendo conter: 1. Introdução. 2. Síntese analítica. 3. Posicionamento. 4. Conclusão. 6. Bibliografia.

Cada aluno deve enviar até as 20 hs do dia anterior da aula, uma questão para debate sobre a bibliografia básica da aula.

Duas provas estão programadas: uma sem consulta e outra sem consulta, abrangendo o conteúdo dos textos.

O Trabalho final é individual e deve ser entregue três meses após o término das aulas, cujo tema deverá ser discutido previamente com o professor. A discussão do tema deve ocorrer após o término das aulas expositivas.

Da carga horária da disciplina, 60 hs/aula, tem-se a seguinte distribuição: 66% – sincrônicas; e, 34% - não sincrônicas.

IV. CRONOGRAMA

As aulas das disciplinas estão programadas para 15 encontros:

Maió/2021: 05, 12, 19 e 26

Junho/2021: 02, 09, 16, 23 e 30

Julho/2021: 07, 14, 21 e 28

Agosto/2021: 04 e 11

V. AVALIAÇÃO

Duas provas escritas (40%: uma sem consulta e outra com consulta); testes, seminários, resumos e discussões (20%) e trabalho final (40%).

Florianópolis, 13 de abril de 2021

Prof. Silvio A. F. Cario

Prof. André L. S. Leite